



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10711 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 20 - Sociologia da Educação

A CRIAÇÃO DE GRUPOS DE PESQUISA E O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA IES DO SUL DO BRASIL

Luiza Turnes - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Gabriela Albanás Couto - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

A CRIAÇÃO DE GRUPOS DE PESQUISA E O PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA IES DO SUL DO BRASIL

Um campo, e também o campo científico, se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos [...] e que não são percebidos por quem não foi formado para entrar neste campo [...]. Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas etc. (BOURDIEU, 1983a, p. 89).

O início do ano de 2022 nos lembra os 20 anos de falecimento do sociólogo Pierre Bourdieu (1930-2002). Seu legado ultrapassa as barreiras do campo da sociologia da educação e permeia as pesquisas e os estudos de pesquisadores que utilizam suas lentes interpretativas para analisar o mundo social. Considerando a importância da atualidade do pensamento bourdieusiano, este trabalho tem como objetivo analisar a criação de grupos de pesquisa (GP) e a sua relação com o processo de internacionalização das pesquisas acadêmicas. Para tal, utilizaremos algumas das noções desenvolvidas pelo sociólogo para analisarmos o campo científico, as disputas que ocorrem dentro desse campo e as relações existentes entre este e o conceito de *habitus*.

A partir de uma pesquisa bibliográfica constatou-se que a criação dos grupos de pesquisa possibilitou novas formas de trabalho, principalmente se considerarmos a demandada produtividade acadêmica e a inserção internacional de pesquisadores e grupos de pesquisa e como esse processo habilita novas práticas na ambiência universitária, bem como faz emergir um *homo academicus* (BOURDIEU, 2011) internacionalizado. A organização e o funcionamento dos grupos de pesquisa representam, também, estratégias das quais os pesquisadores se utilizam para, muitas vezes, conseguirem fazer frente ao grande volume de atividades que lhe são atribuídas.

As produções de Pierre Bourdieu (1983a; 1983b; 2004) indicam que é no campo científico que um ou diferentes *habitus* são construídos, mobilizados, reconstruídos. *Habitus*, conforme Bourdieu (1983a, p. 79), é “[...] produto do trabalho de inculcação e de apropriação necessário para que esses produtos da história coletiva [...] consigam reproduzir-se, sob a forma de disposições duráveis, em todos os organismos duravelmente submetidos aos mesmos condicionamentos”.

Verificamos, a partir de pesquisa empírica realizada por meio de questionário com 101 líderes de grupos de pesquisa de uma Instituição de Ensino Superior (IES) do sul do Brasil, que há diferentes processos de construção de conhecimento durante as reuniões dos grupos de pesquisa, mediante, principalmente, um trabalho coletivo. O conceito de trabalho coletivo desenvolvido por Bourdieu (2001) está diretamente relacionado às preocupações do autor no enfrentamento do trabalho individual e supõe considerar o intelectual coletivo. O intelectual “é alguém que, partindo de uma autoridade específica adquirida nas lutas internas ao campo intelectual, artístico, literário, segundo os valores inerentes a esses universos relativamente autônomos, intervém no campo político” (BOURDIEU, 2012, p. 350).

Conforme Valle (2018, p. 106) “ele [o intelectual] somente o faz porque está legitimado por essa autoridade (reconhecida), por virtudes morais, por uma determinada competência, por méritos pessoais”. Para pensarmos sobre as noções de trabalho e de intelectual coletivo precisamos considerar esse modo “de funcionamento do campo científico, fundado no trabalho em equipe e no acúmulo de conhecimentos, inaugurando um novo modo de intervenção coletiva baseado em trabalhos científicos (SAPIRO, 2012, p. 48)”.

Após a análise de dados dos questionários, constatamos a necessidade de compreender as especificidades acerca da organização e do funcionamento dos GP e sua relação com a internacionalização acadêmica. Com isso, realizamos 13 entrevistas com líderes de grupos de pesquisa que estavam, durante o processo da pesquisa, coordenando Programas de Pós-graduação e/ou faziam parte do Comitê Gestor do Programa de Internacionalização (PrInt) da CAPES na IES pesquisada.

O CAPES-PrInt (CAPES, 2017) se configura como um programa recente de internacionalização a partir da criação de redes de pesquisas construídas na Pós-Graduação, por esse motivo pautamo-nos em análise documental e nos dados da pesquisa empírica com

os líderes de grupos de pesquisa para adensar a análise sobre a implementação desse Programa na IES pesquisada.

A pesquisa empírica realizada demonstra que os atores que estão inseridos no campo científico da IES pesquisada projetam discursos relacionados à necessidade de tornar a IES internacionalizada tendo como modelo ideal o contexto do Norte Global, por vezes, descontextualizando questões que são singulares tanto dos países considerados em desenvolvimento, quanto do próprio Brasil e de suas diferentes universidades. Nesse contexto, a lógica da internacionalização acadêmica, centrada em atender critérios de avaliação e demandas de uma sociedade globalizada, parece estar incorporada e fazer parte do cotidiano dos líderes de grupos de pesquisa.

No que se refere ao posicionamento do Brasil no âmbito da internacionalização das pesquisas acadêmicas e da produção de conhecimento científico uma das depoentes ressalta que “o Brasil é um ponto absolutamente atrativo para todas as pessoas e o nosso complexo de vira-lata infelizmente não consegue fazer com que isso venha à tona, mas aonde você chega as portas se abrem” (Entrevistada 1, 2019).

Compreendemos o uso dos termos “Sul Global” e “Norte Global” como complexos e que devem ser pensados relacionalmente, de forma contextualizada local e globalmente e analisando as relações desiguais e de diferenciação que são estabelecidas entre países e blocos. Conforme Santos e Meneses (2009, p. 12-13), o Sul é “concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo”. Nesse sentido, Thiengo (2018, p. 204-205) analisa que

[...] nos países que não compõe o eixo dinâmico do capital, como o Brasil, onde se almeja o status de excelência com poucas chances de compor o ranking das ‘melhores’ do mundo, a cultura da excelência ganha expressividade com os ranqueamentos regionais, avaliações nacionais e potenciais acordos de cooperação para formação de redes universitárias mais competitivas. A formação de alguns centros de excelência, especialmente no âmbito da pós-graduação, coexiste com a lógica de produtividade científica quantitativa e repetitiva, com o acirramento das formas de avaliação, o pressionamento dos docentes e o avanço da cultura da competitividade entre grupos e professores, levando-os a implementar um processo de intensificação e alienação do trabalho.

A ênfase em estabelecer parcerias com países do Norte Global está expressa no depoimento do entrevistado: “[...] estamos buscando fortalecer parceria com algumas instituições americanas, norte-americanas, Nebraska, que está no PRINT, e com outras que temos trabalhado através da realização também de seminários, de reuniões” (Entrevistado 6, 2019).

A busca pela excelência e os esforços para tornar a IES pesquisada uma universidade

de classe mundial (THIENGO, 2018) estão evidenciados no seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) como faz menção um dos entrevistados:

Então se a missão da [...] é ter uma universidade de inclusão e excelência, nós temos que procurar excelência. Você não vai procurar, por exemplo, excelência com uma universidade lá em Portugal que não tem o mesmo nível de conhecimento de uma universidade brasileira. Tem muitas universidades portuguesas que não tem o nível dos nossos programas de pós-graduação. Isso é fato. Então por que vamos fazer essa relação? Fazemos, não tem problema, podemos fazer. O que eu estou querendo dizer é que nós temos que procurar agora parceiros que vão poder nos dar esse diferencial. Dentro desse nível de relação que o mundo agora está nos pedindo, com a globalização (Entrevistado 2, 2019).

Ao mesmo tempo em que indicam a necessidade de estabelecer relações com países desenvolvidos ou pertencentes ao Norte Global, os líderes de grupos de pesquisa da IES tecem críticas com relação à falta de autonomia universitária quando há necessidade em atender demandas previstas nas políticas públicas para o ensino superior, e principalmente, para a PG. Uma das depoentes assim se manifesta: “Nós falamos tanto em autonomia universitária, brigamos sobre essa questão, mas até a autonomia dos pesquisadores nós estamos perdendo. Estamos reféns de muitos interesses. Nós estamos nos tornando prestadores de serviços” (Entrevistada 8, 2019).

Há uma preocupação, por parte de uma das pesquisadoras, líder de grupo de pesquisa da IES, acerca do estabelecimento de vínculos com pesquisadores internacionais e uma culpabilização por não conseguir efetivar parcerias, como vemos a seguir:

Quanto à internacionalização, por eu não ter feito pós-doutorado, meus contatos são insuficientes até o momento. Já fiz algumas tentativas, mas esbarramos em vários obstáculos. Por exemplo, mesmo tendo alunos que fizeram ou fazem doutorado sanduíche fora do Brasil, não conseguimos até hoje operacionalizar uma internacionalização efetiva de parceria e colaboração com outros grupos/professores que continuasse após o período do/a doutorando/a no exterior e que fosse além das publicações conjuntas da época de afastamento. Penso que eu deveria me esforçar mais para esse movimento, mas sinceramente não dou conta. A outra professora líder do grupo deverá buscar essa interação em seu pós-doutoramento que ocorrerá entre 2018/19. Espero que sejamos bem-sucedidas nessa tentativa de ampliar nossas pesquisas (Questionário 35, 2018).

O pós-doutorado, além de uma experiência acadêmica na maioria das vezes internacional, configura-se como uma porta de entrada para o estabelecimento de vínculos com pesquisadores estrangeiros, o que pode resultar na criação de uma rede de pesquisa que se mantém para além do período em que o pesquisador cursa o seu estágio pós-doutoral.

Mesmo compreendendo que não é apenas essa via que faz com que parcerias possam

ser criadas, a maior parte dos pesquisadores participantes da nossa pesquisa indicaram o pós-doutorado como um caminho importante para o processo de internacionalização das pesquisas acadêmicas. O que a IES está tentando realizar, conforme o depoimento de um dos líderes de grupos de pesquisa, membro do grupo gestor da IES, é tornar as relações entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros cada vez mais institucionalizadas como, por exemplo, mediante assinatura de convênios. Sobre essa questão o depoente analisa que:

[...] os contatos sempre foram feitos pelo pesquisador, pelo professor que saiu para o pós-doutorado ou esteve em um congresso internacional, conheceu alguém de uma universidade estrangeira e começou essa relação. Então essas relações sempre foram mais pessoais e individuais do que institucionais. Isso é ruim? Não. Isso é muito bom. Nós conseguimos tudo que nós temos hoje por conta dessas relações. Agora, o que nós precisamos é institucionalizar cada vez mais isso. A Universidade oferecer ferramentas para esses professores fazerem as coisas de uma maneira mais fácil. Que o professor não tenha que ficar atrás do processo da assinatura de um convênio. É uma coisa que nós estamos tentando mudar agora (Entrevistado 2, 2019).

Quando perguntados sobre a internacionalização das pesquisas acadêmicas e se realizam ações de internacionalização, enquanto grupo de pesquisa, todos os entrevistados manifestam a importância de estabelecer vínculos com pesquisadores de outros países como exemplificamos no excerto a seguir:

Nosso grupo tem vínculos internacionais profundos, seja pela formação dos pesquisadores, seja na participação de redes de colaboração. Ainda assim, entendo que a atual discussão sobre internacionalização, do modo como ela foi feita na [...] em resposta à demanda da recente política da CAPES, tende a compreender a internacionalização de modo muito limitado, expresso fundamentalmente por vínculos institucionalizantes e não pela natureza do conhecimento produzido. A produção brasileira tem grande impacto internacional na nossa área, em discussões teórico-epistemológicas, por exemplo, que não se expressam em um projeto de internacionalização cujo modelo espelha a lógica econômica (Questionário 51, 2018).

No depoimento acima verificamos que há uma preocupação na forma como as políticas públicas induzem a internacionalização das pesquisas. Dos 13 entrevistados, quatro líderes de grupos de pesquisa da IES indicam que há que se pensar em formas de internacionalização mais amplas e que não estejam voltadas somente a atender as demandas impostas pela globalização, mas que possibilitem a reflexão sobre a qualidade do conhecimento produzido e a formação de pesquisadores.

Os depoimentos dos entrevistados convergem no sentido de mostrar que os Programas de pós-graduação (PPG) do qual fazem parte, avaliados com nota 6 e 7 pela CAPES, realizam há algum tempo ações de internacionalização para se manterem com notas altas nas

avaliações da CAPES. Uma das depoentes refere-se à cultura de internacionalização e menciona quais foram as estratégias utilizadas para que as suas ações individuais tivessem um impacto coletivo no PPG em que coordena:

Foi se criando uma cultura de internacionalização, por parte de cada pessoa. Então foi algo que foi se disseminando entre os próprios professores. Por exemplo eu tenho a minha linha de trabalho. Fiz uma procura na internet de potenciais pessoas que eu poderia estar me relacionando em termos de pesquisa e encontrei alguns, mandei e-mail, marquei reunião via *Skype*. Hoje eu tenho trabalhos em parceria com eles. Um dos professores do grupo está indo como professor visitante em outubro, vai ficar seis meses. Eu vou no início do ano para reuniões de trabalho. No final do ano que vem eu também vou. Ou seja, são ações individuais, mas que somadas são importantes para o programa. (Entrevistada 10, 2019).

Nesse aspecto, vemos que há menção dos participantes da pesquisa a formas individuais e coletivas de fazer pesquisa e criar ações de internacionalização nos seus grupos de pesquisa e PPG. O CAPES-PrInt, reforça esse processo e busca ir além da mobilidade acadêmica no sentido de promover a internacionalização estratégica das instituições. Para que isso ocorra a CAPES tem como meta investir em uma mudança comportamental das instituições selecionadas, no sentido de transformá-las em universidades de classe mundial (THIENGO, 2018), ou seja, instituições que ocupem posições de destaque nos rankings universitários e que sejam produtivas no que se refere a capitalização de recursos.

A partir dos depoimentos dos 13 entrevistados constatamos que houve um avanço com relação à internacionalização da IES com o CAPES-PrInt, no sentido de “fazer com que os processos deixassem de ser amadores e se tornassem cada vez mais profissionais com editais mais transparentes, uma assessoria para trabalhar com esses editais, para trabalhar com normativas” (Entrevistado 4, 2019). Além disso, o líder de grupo de pesquisa e coordenador de PPG da IES indica que:

[...] como está sendo realizado há poucos anos [o CAPES-PrInt] isso traz problemas porque é tentativa e erro e tem ocasionado distorções que só depois que ocorrem que você vai saber solucionar, mas a [...] está atenta a isso e tentando assumir um protagonismo, mas está lidando com dificuldades (Entrevistado 4, 2019).

Este depoimento vai ao encontro do alerta que Morosini (2006, p. 43) já ressaltava, de que o grande desafio da internacionalização é “[...] manter o protagonismo de decisões reflexivas em vez de se constituir em mero executor de políticas globalizantes”.

Mesmo que críticas tenham sido expostas sobre o processo de construção do CAPES-PrInt na IES, o modo como foram selecionados os PPG e os critérios utilizados, as dificuldades que alguns pesquisadores têm com a publicação e socialização em língua

estrangeira, principalmente com o inglês, e o modo como a IES conduziu esse processo de internacionalização das pesquisas, verificamos que há inúmeras possibilidades que podem ser efetivadas com pesquisadores estrangeiros para a construção do conhecimento e que foram mencionadas pelos depoentes. Um Programa recém-lançado exige ajustes e reajustes que só poderão ser feitos após um tempo de vigência para que uma avaliação do processo apresente de modo mais eficaz quais os pontos que precisam ser revistos e melhorados.

Para finalizar, consideramos importante nos questionar se a formação de pesquisadores de modo individual e coletivo, via grupos e redes de pesquisa, pode ter como componentes, além de formar profissionais capacitados a atuar em um mundo globalizado, a formação de pessoas que consigam estabelecer relações generosas e empáticas com os outros e que estejam dispostas a pensar criticamente sobre as relações de disputas que são travadas no campo científico mediante a indução das políticas públicas – ou, seja a formação de verdadeiros intelectuais coletivos, como bem defendeu Bourdieu ao longo de sua trajetória.

PALAVRAS-CHAVE: Campo científico. Internacionalização. Grupos de pesquisa. CAPES-PrInt. Habitus científico.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **O campo científico**. In: ORTIZ, R. (Org). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1983a. p.122-155.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 4ª ed., 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Trad. Ione Ribeiro Valle; Nilton Valle. Ed. da UFSC, 2011. 314 p.
- BOURDIEU, Pierre. **Sur l'État**. Cours au Collège de France 1989-1992. Paris: Seuil/Raisons d'Agir, 2012.
- CAPES. **Programa Institucional de Internacionalização (Capes-PrInt)** - Edital nº 41/2017 - Alteração VI/2018. Brasília Capes, 2017.
- MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior- Conceitos e práticas. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 107-124, 2006.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra, Almedina, CES, 2009.
- SAPIRO, Gisèle. Modelos de intervenção política dos intelectuais: o caso francês. **Revista Pós Ciências Sociais**, UFMA, v. 9, n. 17, p. 19-50, 2012.

THIENGO, Lara Carlette. **Universidades de classe mundial e o consenso pela excelência: tendências globais e locais.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018.

VALLE, Ione Ribeiro. Um conceito reinterpretado ao longo do século: do intelectual individualista de Durkheim ao intelectual coletivo de Bourdieu. **Revista Internacional Educação Superior.** Campinas, v. 4, n. 1, jan./abr./2018, p. 95-111.